Ano X — Leiria, 13 de Abril de 1932 — N.º 115.

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Director e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Emprêsa Editora: Tip. "União Gráfica„ T. do Despacho, 16-Lisboa — Administrador: P. António dos Reis — Redacção e Administração: "Seminário de Leiria„

CRÓNICA DE FÁTIMA

13 DE MARÇO

Estão quási passados os meses mais rigorosos do inverno, em que o frio, a chuva, a geada e a neve impedem as grandes peregrinações ao magestoso santuário da serra de Aire, a custo permitindo que alguns centos de romeiros isolados lá vão satisfazer as exigências da sua fervorosa e acrisolada piedade.

Tudo anuncia a chegada iminente da encantadora quadra primaveril.

A partir do próximo mês de Abril, o vasto anfiteatro da Cova da Iria anima-se e movimenta-se cada vez mais com as imponentes manifestações de fé e piedade das multidões vibrantes de entusiasmo e com as scenas empolgantes das cerimónias religiosas oficiais dos dias treze.

Portugal, pátria de herois e de santos, criada e engrandecida sob o manto da Virgem sem mancha, sua augusta Padroeira, prepara-se desde já para as grandiosas e incomparáveis peregrinações dos meses esplendorosos do verão. Fátima, estância de graças e de prodígios celestes, continua a ser o polo magnético das almas, o iman poderoso que atrai e empolga dum modo irresistível milhares e milhares de corações crentes e devotos de Maria.

O corrente ano será decerto assinalado por um excepcional concurso de peregrinos e por um maior fervor de devoção nos actos do culto, visto como a treze de Maio se comemora o décimo quinto aniversário da primeira aparição.

É êste, por excelência, o ano rosarista de Fátima, o ano que perfaz exactamente o número das dezenas e dos mistérios do santo rosário.

A Virgem Santíssima, gloriosa Padroeira de Portugal, há-de por certo derramar, durante o ano que passa torrentes de graças e de bênçãos sôbre as multidões reünidas na Cova da Iria para lhes renderem as suas homenágens e para lhe testemunharem o seu amor e a sua dedicação filiais.

* * *

Após uma noite tempestuosa, de vento agreste e de chuva abundante, o dia treze de Março amanheceu cheio de luz, formoso e tépido, permitindo que as cerimónias religiosas se realizassem sem incómodo para os peregrinos que eram em número dalguns milhares. Por motivo da solenidade do dia, Domingo da Paixão, não se fez a procissão com a Imagem de Nossa Senhora.

Foram poucas as missas que se celebraram nos diversos altares do Santuário, porque, ocorrendo o dia treze num Domingo, os sacerdotes, presos pela obrigação de dizerem a missa nas suas igrejas paroquiais ou nas suas capelas, ficaram impossibilitados de ir êste mês a Fátima. Por isso, também houve falta de confessores, tendo ficado por confessar muitas pessoas do sexo feminino. Auxiliou com muita dedicação o serviço de confissões o rev.do Artur Gonçalves, de Macau, membro da missão de Singapura. Já de véspera tinha atendido muitos penitentes. No regresso êste zeloso missionário passou por Leiria, onde disse que levava de Fátima as melhores impressões e que as havia de tornar conhecidas na missão em que trabalha.

Celebrou a missa oficial o rev.do dr. Galamba de Oliveira, professor de sciências eclesiásticas no Seminário de Leiria. Ao Evangelho, o piedoso e ilustrado sacerdote falou por espaço dum quarto de hora, desenvolvendo êste tema: «necessidade e maneira de santificar os sofrimentos.»

A bênção dos doentes dada pelo celebrante, levou a umbela o sr. dr. Lino Neto, professor no Instituto Superior Técnico e presidente do Centro Católico Português. Terminados os actos religiosos oficiais, começou de novo a chover, o que concorreu para que a multidão debandasse mais depressa, deixando a Cova da Iria entregue ao silêncio e à solidão habituais.

Peregrinos de 13 de Outubro de 1931, cumprindo os seus votos na Cova da Iria

* * *

No dia sete do próximo mês de Maio, ao mesmo tempo que doutros pontos do país partirá da estação do Rocio um comboio especial conduzindo vicentinos, pessoas de suas famílias e subscritores que se tenham prèviamente inscrito, para Fátima, em peregrinação, sob a presidência de honra de Sua Eminência Reverendíssima o Senhor D. Manuel II, Cardial Patriarca de Lisboa.

As inscrições podem ser feitas por intermédio dos Presidentes das Conferências. Como nos anos anteriores, é de esperar que esta peregrinação seja uma esplêndida e comovente manifestação de fé e piedade, que contribua em larga escala para a santificação dos membros das conferências de S. Vicente de Paulo que nela tomaram parte e para o aumento do seu zêlo e da sua dedicação pelo bem espiritual e material dos desprotegidos da fortuna.

* * *

Com a devida vénia transcrevem-se a seguir três cartas do rev.do Sebastião Rodrigues dos Santos, missionário na India e director da Escola-Liceu de São Tomé de Meliapor.

S. Tomé, de Meliapor, Madrasta, India, 13 de Maio de 1931.

Ex.ma Snr.a Baronesa de Alvaiazare

Escrevo estas letras com o pensamento nas multidões de Fátima, nas Servitas onde V. Ex.a ocupa um lugar de honra que a Virgem do Rosário não deixará de marcar. Nêste dia de glória da Mãe de Deus, quando a Igreja Portuguesa e todo o Portugal presta, pela primeira vez, oficialmente as honras da Liturgia à Padroeira de Portugal — também eu me associo em espírito a êsse brado de Fé que piamente creio háde chegar ao Céu aos pés da Virgem cujas Imaculadas Mãos o irão depôr nas de seu divino e amado Filho que fará descer mil bênçãos sôbre todos nós.

Destas paragens longínquas estou recordando as atenções que V. Ex.a e Ex.ma família aí me dispensou neste mesmo dia, faz hoje um ano, indo até ao extremo de me convidar para sua casa onde fui recebido com essa gentileza, igual à qual só conheço a da Quintã.

Não me esquece também a atmosfera de piedade que encontrei nesse seu solar das lídimas tradições; sinto apenas que essa visita fôsse tão curta mas a culpa foi tôda minha ou antes das circunstâncias em que me encontrava, em ablativo de viagem de regresso a esta minha Missão, onde, graças a Deus, nada me tem faltado.

Conservo como souvenir de V. Ex.a, o seu Credo Eucarístico que recito depois da Missa. Vou também agora escrever à M.a Celeste e ao Fernando a quem quero comunicar alguma coisa do que por aqui se tem feito para propagar o culto de N. S. de Fátima.

Muito estimarei receber notícias da Quintã, apesar de há pouco ter recebido carta de lá.

Mais uma vez me recomendo às suas piedosas orações.

São Tomé de Meliapor, Madrasta, India, 13 de Maio de 1931.

Meu prezado amigo Fernando Alvaiazare,

Escrevo-lhe do cume de uma frondosa floresta tropical do Sul da India onde me encontro a veranear na companhia de outros colegas missionários (Nilgiris).

É assim que anualmente conseguimos refazer-nos das agruras do resto do ano escolar, visto as férias coincidirem naturalmente com o período mais esquentado do ano (maio e junho).

Já agora o meu prezado amigo se deve ter lembrado da minha promessa de propagar por estas paragens o culto de N. S. de Fátima: remeto pelo correio uma separata da Tradução da Pastoral do Snr. Bispo de Leiria publicada por extenso no Órgão mensal da Diocese, há já uns meses; falando com o Redactor dêste Jornal chegámos à conclusão que era esta uma boa base para propagar a devoção. O mesmo jornal traz quási todos os meses qualquer referência que se julgue oportuna e edificante. Está agora (Abril, Maio...) publicando uma tradução quási literal das aparições e do exame feito às criancinhas Videntes.

Temos aqui agora um Seminarista de Seissa (oriundo de uma igreja agregada a Seissa, (Aljustrel?), Inácio Lourenço Pereira) que recebe de Fátima 100 exemplares da Voz todos os meses que eu tenho estado a endereçar a pessoas e Instituïções conhecidas; o que mais vale é que a minha devoção a N. S. do Rosário de Fátima também tem aumentado bastante desde que no ano passado por aí estive e principalmente desde que a Igreja estampou o seu sêlo sôbre essa devoção — tão lisongeira ao nosso coração...

Acabo de ler na imprensa portuguesa àcêrca da — Oratória-Fátima representada no S. Carlos; como o meu amigo percebe mais de dramas do que eu, seria favor se me remetesse um exemplar.

Aguardo com pressa antecipado a sua resposta a estas linhas ditadas por uma grande saüdade.

São Tomé de Meliapor, Madrasta, 13 de Maio de 1931.

Ex.ma Snr.a D. Maria Celeste,

Ao fim de um ano inteiramente preocupado com a Direcção temporal e espiritual de 160 Órfãos que freqüentam uma das nossas Escolas-Liceus onde tenho de também dar aula, encontro-me agora com mais 3 Colegas da mesma Escola (High School) a passar as férias (Maio e Junho) numa das regiões mais pitorescas da India (Nilgiris) que fica a 8.500 pés de altitude (3000 m.), refúgio dos calores da planície, que custa a cada um de nós à razão de 32 escudos por dia. Tudo por aqui fica caro a quem tem gôstos e necessidades de Europeu.

Nêstes dias o tópico das nossas conversas e a nota das nossas orações tem sido a *Grande Peregrinação* de Fátima que para mim tem a recordação viva de um Aniversário de família... pois é assim que eu gosto de olhar tudo isso: Festa de Família Nacional, de Famí-

lia Cristã, quero dizer, Festa de tantos irmãos e irmãs da Fé, que ali vão a rezar aos pés da Virgem do Rosário com a simplicidade de uma grande família reünida, como eu rezei faz um ano.

Agora que as aparições foram declaradas *Fidedignas* por quem de direito, deixe-me dizer com o nosso poeta: «Cesse tudo o que a antiga musa canta, que outro poder mais alto se levanta».

É por isso que venho pedir à minha Ex.ma Amiga, a fineza de me dar as suas impressões pessoais, não só desta Grande Peregrinação, mas também de qualquer fenómeno extraordinário de que tenha sido testemunha, visto ter tido o privilégio de ter presenciado a maior parte deles desde o princípio.

Para não parecer que lhe estou a pedir um livro, peço que ao mesmo tempo dê ordens para me ser mandado, a pagar pelo correio, o melhor livro que V. Ex.ª conheça sôbre as Aparições.

Como sabe, sou assinante da Voz, li também o livro do Dr. Fischer, mas confesso que estou longe de conhecer bem o assunto, tanto mais que tenho oportunidade de o divulgar aqui na imprensa.

Sôbre êsste assunto de propagação do culto de N. S. de Fátima, alguma coisa aqui tenho conseguido directa e indirectamente como passo a dizer a seu irmão Fernando.

Em conclusão peço a fineza de me recomendar à Snr.ª D. Júlia Campeão e ao Snr. Capitão Patacho, assegurando-lhes que me não tenho esquecido de rezar pelo seu vivíssimo Petiz; também me recordo com saüdades da capela onde celebrei esperando que me recomendará também ao Ex.mo Dr. Alvim e Ex.ma Esposa, bem como a irmã da Snr. D. Júlia Campeão. Sobretudo peço que se não esqueça de rezar por mim a N. S. do Rosário da Fátima.

* * *

Do número correspondente ao dia 3 de Dezembro último de «O Jornal Gráfico», suplemento ilustrado de «O Jornal», que vê a luz da publicidade na cidade do Funchal, reproduz-se um artigo que insere e enche as três colunas da primeira página.

Essa página contém quatro gravuras que representam Guilhermina de Jesus Pereira, a miraculada por intercessão da Virgem de Fátima, o panorama do Cabo Girão, onde, no ponto denominado Pico do Galo, foi levantada a ermida em honra de Nossa Senhora de Fátima, no alto da Cruz da Caldeira e o Rev.º Agostinho Vieira, a cuja iniciativa se deve a construção da capela Cruz de Fátima.

Segue o artigo:

A ermida que serve de crista ao Pico do Galo, no Cabo Girão, construída e dedicada a Nossa Senhora de Fátima pelo Padre Agostinho Abreu Vieira, atraiu a si o condão sobrenatural da Cova da Iria e a fé viva do povo da Madeira. É um santuário com três meses apenas de existência e mais de três séculos já de popularidade. Ungiu-o a graça da Virgem, que todos os meses, comemorando a aparição de Nossa Senhora em Fátima, o povo corre em peregrinação de tôda a parte cantando e rezando louvores à Mãe de Deus. E a maré-cheia de fé que se levanta pelo impulso sobrenatural da crença popular, cresce cada vez mais em volta da Cruz de Fátima, alcandorada no mais lindo miradoiro da Ilha, arrastando milhares de peregrinos, a 13 de cada mês, às mesmas práticas religiosas da Cova da Iria.

O ambiente é de penitencia e de oração. Ali só se ajoelha, canta, reza e chora.

E a Virgem, dizem, afeiçoou-se tanto àquêle lugar, é-Lhe tão grato morar ali, que agradece já ao povo com milagres e outros dons.

Visinha da ermida vive Guilhermina de Jesus Pereira, que esteve quási dois anos no grabato da sua miséria, sem se poder mover. Aos 70 de idade tolheram-se-lhe todos os membros e nunca mais poude comer nem agasalhar-se sem as mãos da irmã. Quando soube que a Virgem de Fátima vinha morar à sua beira, encheu-se-lhe o coração de alegria e a fé resuscitou-lhe na alma a esperança da sua cura.

— Senhor, — disse-nos a Guilhermina, enclavinhando as mãos para o céu — eu vivia num mar de dores e não me podia mexer...

— Não podia sequer compor o roupa sôbre si — acrescentou a irmã.

— E nunca se tratou,

— O meu mal não tinha cura, disseram-me os doutures. Bem chorei... quando me tráziam em braços e me sentavam ao sol por ali, sem nada poder fazer...

— E como se sente agora?

— Como o senhor vê, já posso andar...

— Graças a Deus, — corroborou a irmã — já trabalha e ganha alguma coísinha para a gente comer!

— E a que atribui a sua cura?

— À graça de Nossa Senhora. Quando me disseram que se ia fazer a capelinha de Fátima, respondi; — Se eu chegar ao dia dela se abrir levem-me lá antes que seja num lençol. Comecei a rezar e prometi a Nossa Senhora alumiá-la com um círio da minha altura a primeira vez que ouvisse missa no seu altar. No dia que benzeram a capelinha pedi para a vêr. Trouxeram-me em braços e, chorando e rezando olhei para lá. Desde então comecei a sentir menos dores. Já lá fui cinco vezes à missa e àmanhã lá torno, por meu pé, outra vez.

À nossa roda um grupo de visinhas, erguendo as mãos, disseram em côro: — Foi graça de Nossa Senhora! Bendito seja Deus!

Na Quintã Grande todos conheceram esta infeliz e a graça que a Virgem de Fátima, — é fé do povo — nela obrou.

NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NO BRASIL

Quando em Janeiro do pr. findo fui transferido de Pernambuco para a Baia forçoso me é confessar que não obstante a mais integral conformidade com a vontade dos Superiores, um pesar, e mui profundo, eu não soube dominar, pela simples lembrança de deixar a N.ª S.ª da Fatima, cujo culto pelos relatórios anteriores bem se deixa ver que desenvolvimento ia tendo, e sobretudo com que fruto comprovado pelos factos.

No Colégio «António Vieira» da Baía, minha nova residencia conhecia-se N.ª S.ª de Fatima, ou não fosse seu Director o R. P. Luis Gonzaga Cabral que, tendo presidido a uma das mais importantes peregrinações a de Maio de 1930, de lá veio, como era naturalissimo, possuido de um indisivel entusiasmo que não sabia ocultar quer nas palestras quer mesmo nas prègações que, com sua natural e conhecida eloqüência, sôbre N.ª S.ª da Fátima teve ocasião de fazer.

Fóra do Colégio soube logo por entrada que havia dela uma estatua de 80 cms. num Colégio de umas Irmãs Franciscanas portuguesas residentes na Calçada, um dos arredores da Baía, perto da celebre Basílica de N. Senhor do Bonfim.

Lá a fui visitar, verificando porém que o seu culto quási se limitava ás pessôas de dentro, dando-lhe o pessoal de fóra por muito favor o nome de *S.ta Fátima*. Lá lhe ia mesmo assim um ou outro trazendo de vez em quando uma velinha, sinal de graça implorada, ou mais geralmente agradecida. Fóra dali, que eu chegasse a saber, havia umas estatuasinhas pequeninas para culto íntimo trazidas mesmo de Portugal pela familia Pedreira, algumas, ainda mais pequeninas, trazidas ou recebidas por poucas pessôas mais, nomeadamente da familia do Snr. Comendador Catarino, e temos dito.

* * *

Confrontando pois o que encontrava com o que deixara, ainda que só no Colégio «Nóbrega», que saüdades!... Graças a Deus, que encontrei dentro e fóra as melhores disposições para a aceitação e desenvolvimento de tão simpática devoção para quemquer em cujas veias corra sangue português. Dentro fomos dêsde logo começando com a mesma pequenina imagem de 23/cms. com que teve inicio o culto do Recife. Para fóra, o tempo propicio foi o Mês de Maio. Coube-me a sorte, que eu tive por suprema ventura, de o prégar inteirinho na nossa Capela pública. E a quem o havia eu de dedicar, senão a N.ª Sr.ª da Fátima? Encomendadas de Recife com a necessária antecedência duas estátuas de 60/cms., uma rica, em tudo igual à do Colégio «Nóbrega» para a Capela, e a outra com pintura mais simples para ser colocada num nicho ao lado do portão de entrada do Colégio, ambas tiveram a sua inauguração solene no dia 1.º.

A da Capela teve-a logo depois da Missa dos alunos com a bênção da Imagem em altar acomodado lindamente adornado com plantas e flores naturais, oferenda e trabalho de pessôas já anticipadamente ganhas à causa de N.ª Sr.ª da Fátima. Não é para se passar em silêncio uma circunstância por não poucos observada de, terminada a benção da Imagem, ao ser colocada no nicho do altar, ao mesmo tempo que no côro se dava principio ao hino de N.ª Sr.ª, por uma das portas laterais do Altar-Mór entrar uma réstea de sol que, incidindo exactamente sôbre a estátua, deu ao conjunto um verdadeiro aspéto de visão, que mais e mais fêz realçar a beleza da já de si linda Imagem. Seguiu-se logo a prègação, terminando, como todos os mais dias do mês, com a Bênção do SS.mo e a repetição do hino de N.ª Sr.ª da Fátima.

* * *

A do portão, destinada principalmente aos alunos externos, teve lugar de tarde ao terminarem as aulas, sob a presidência do P. Director, R. P. Cabral, que em caloroso improviso mais uma vez patenteou as impressões que da Fátima trouxera.

O nicho, se bem que rustico, fôra artisticamente preparado e enfeitado pelo R. P. António Simas, ao tempo prefeito dos externos.

No seu conjunto é um trabalho mimoso e inspirador de devoção, tendo até o Padre no seu génio de artista ideado para servir de base à peanha da Imagem uma imitação da histórica azinheira feita de um galho seco, se não milagrosa, ao menos graciosamente reverdecido pelo bom gosto das Irmãs de Salette. Se bem que, como fica dito, esta Imagem era particularmente reservada aos externos (com cujo dinheiro aliás foi adquirida), e de facto lá vão êles numerosos, quer na entrada, quer na saída, a implorar as valiosas bênçãos da Mãe do Céu. Além dêles, avultado número de pessôas de tôdas as classes alí vão sem respeito humano, de manhã à noite, fazer suas preces. Ao escurecer é o nicho iluminado por 4 lampadas eléctricas, uma delas aos pés clareando um transparente em que se lê:

«Maria, sêde o meu amparo e a minha guia». Outra iluminação tem ainda para os dias de festa, a dos contornos do nicho, imitando uma capelinha rural, feita por numerosas lampadazinhas em series, trabalho executado às custas do Ex.mo Snr. Frank Hart, pai de dois alunos externos. Numerosas velas além disso alí deixam acesas os próprios devotos, na máxima parte reveladoras de beneficios recebidos. Dia e noite alí arde uma lampadada de óleo, sem com isso sobrecarregar as despesas do Colégio, pois um cofrezinho que ao lado do nicho se encontra, e em que os devotos vão lançando o seu tostãozinho, dá para isso, para a iluminação, para comprar flores, e ainda sóbra para o mais que fôr mistér. Além de quê flores poucas vezes é preciso comprar, pois mui freqüentemente as trazem e geralmente por suas próprias mãos alí as dispõem os ofertantes. Nem tem sequer faltado quem, por dedicação a N.ª Sr.ª, por suas próprias mãos se tenha encarregado de fazer a mais escrupulosa limpeza no nicho e suas imediações, deixando tudo um primor de aceio, até o próprio chão, na frente e à volta do nicho, ciscando (como aqui se diz), varrendo, etc. etc. Isto da parte das pessôas de fóra, não faltando porém também de dentro quem se esmere em competir com elas. Quero referir-me a um empregado, camareiro da divisão dos Medios, que por devoção, logo depois da Missa, antes de entrar no serviço obrigatório, vai consagrar as primicias de seus quotidianos labores com o primeiro arranjo do que toca ao nicho de N.ª Sr.ª, varrendo, endireitando, regando as plantas, etc. Para terminar só acrescentarei que tudo ali é estimulo à devoção, sem excluir os restos e pingos das velas alí ardidas que, tantos, quantos, são levados por pessôa ou pessôas devotas que, derretendo-os os transformam em novas velas para ali voltarem a alumiar N.ª Sr.ª Para se avaliar da afeição que o povo já lhe tem, e precisamente àquela Imagem, tendo sido necessário tira-la por breve espaço, substituindo-a aliás por outra bem mais rica, apesar disso os devotos durante essa curta ausencia, sem deixarem de continuar as suas devoções, não cessavam também de patentear as suas saüdades pela que alí se acostumaram a ver e a venerar, e, tanto assim, que na ocasião em que se efectuou a restituição da antiga, um grupo de pessôas que alí se achava, após efectuada a transferência, levantando para ela as mãos e expandindo o seu regosijo, exclamaram: «ah! esta sim... é ela mesmo!!... como esta não há outra!!!...» E assim ficaram longo espaço como em extatico arroubo.

(Continúa)

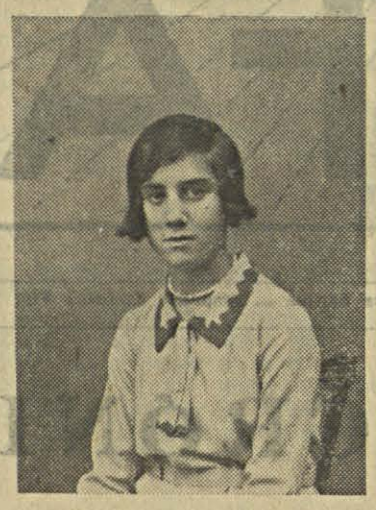
Não te dê cuidado saber quem é por ti, ou contra ti, mas só deseja e procura que Deus seja contigo, em tudo o que fizeres.

(Da Imitação)

GRAÇAS DE N. SENHORA DE FÁTIMA

Apendicite

A 23 de Abril de 1929, minha filha Maria Adelaide Dias deu entrada no hospital de S.ta Marta em Lisboa para ser operada de uma apendicite. A análise acusou uma grande fraqueza no sangue. Sabendo eu o grande sofrimento que minha filha tinha, julguei que ela não agüentaria a operação, e nessa altura dirigi-me à Igreja de S. José, ajoelhei deante de uma imagem de N. Senhora da Fátima, e com muita fé pedi-lhe por minha filha e prometi ir com ela a Fátima se ela fôsse feliz na operação. No dia 15 de Maio foi feita a operação, e graças a N. Senhora correu tudo bem. Já fomos a Fátima agradecer tão grande graça que N. Senhora me concedeu e hoje venho publicamente agradecer tão grande favor, bem como outra insigne graça que N. Senhora me fêz tirando-me umas dores que há muito me atormentavam horrívelmente.



Maria Adelaide Dias Torres-Vedras

Carvalhal de Torres-Vedras

Maria Antónia Dias

Agradecimento

António Bernardes, de Covelo Penacova, diz o seguinte: Em principios de 1929, quando já a crise começava a fazer-se sentir encontrava-me no Brasil, doente e sem recursos para voltar para Portugal. Havia 6 meses que nada fazia. Em tão grande aflição fui prostrar-me aos pés de N. Senhora na Igreja do Bom Jesus do Braz, em S. Paulo, onde todos os domingos ia à missa, pedindo-lhe me deparasse algum meio para que pudesse ir para junto da minha família. As minhas súplicas foram ouvidas, graças a N. Senhora. Embarquei em Santos no dia 15 de Março de 1929 e no dia 28 do mesmo mês estava em Lisboa.

E não só a viagem foi uma dificuldade, mas ao chegar a Lisboa encontrava-me curado! Não sei como agradecer a N. Senhora tão grande beneficio. Além dêste outros mais tenho recebido de N. Senhora e é minha intenção deixar aqui o agradecimento por todos êles.

António Bernardes

Pneumonia

Um meu filhinho de 2 anos apenas foi acometido duma cruel pneumonia e juntamente duma infeção intestinal.

Recorri logo à medecina, mas a doença tornava-se renitente. Vendo meu filho em tão grandes sofrimentos recorri à SS. Virgem N. S. da Fátima cujo jornal prometi assinar. E graças a Ela meu filho começou a sentir saúde, graça que se reconhecidamente agradeço.

Sevres, França.

Lúcia Alves Barata

Queimadura

Tenho recebido de N. S.ª diversas graças que muito desejava fossem publicadas.

A primeira foi que estando uma pessoa amiga em perigo de vida com uma das faces queimada e já tão inchada que nem via nem podia falar, tendo-a recomendado muito a N. S.ª da Fátima, quando todos esperavam a noticia da sua morte vieram dizer-nos que quási repentinamente tinha desinchado e estava livre de perigo.

Recebi diversas outras graças que cheia de gratidão quero confessar serem devidas à intercessão de N. S. da Fátima.

Candida Sanches

Conversão

Nota — Por ser interessante reproduz-se a carta seguinte cuja direcção perdi com grande pesar, e que há tempo foi enviada a esta redacção.

«São inúmeras as graças que tenho recebido de N. S. da Fátima nesta terra e por isso desejava ver propagada por cá a sua devoção. Nossa Senhora da Fátima arrancou-me das mãos do demónio, nessa diabólica feira de fantasias do espiritismo, de que fui grande influente. Só Nossa querida Mãe do céu me poderia arrancar de tão grande precipicio em que estava irremediàvelmente perdido, como tantos outros que lá deixei, e pelos quais choro, Perante mim o demónio foi desmascarado; pena é que o não seja por quantos militam em tão grande desgraça. Ficou o mesmo satanaz muito raivoso contra mim, pela perda da preza, mas nunca mais foi capaz de me fazer o mal que me fazia antes de eu o conhecer. Resta-me a pena de não saber escrever condignamente, pois que sou fraco de cabedais scientificos, para lhe expor devida e detalhadamente as graças que tenho recebido de N. S. da Fátima, a dar-lhe também uns tópicos dos ataques do dragão quando vê ir-se-lhe a presa.

São muitas as pessoas a quem tenho dito isto e por isso se V. Rev.ma achar que vale a pena referi-los por escrito no jornalsinho a «Voz da Fátima» pode fazê-lo que eu tenho muito prazer nisso.

Não me proponho agradecer por êste meio a N. S. da Fátima, porém tudo me parece pouco para o fazer. Não seriam bastante a vida e os haveres se porventura tudo isso lhe desse.

Não obstante, ofereço-lhe o meu Coração, como mais uma graça que dela espero, coração que ela aceitará e dará a Seu Santíssimo Filho. Rogo por tudo isto a V. Rev.ma a fineza de pedir uma Avé Maria em acção de graças pela minha conversão ou pelo livramento de minha alma das mãos do demónio, onde por sem duvida, se encontrava, irremediàvelmente perdida.

Guilherme da Costa Brites

P. S.—Faltou-me dizer a V. Rev.ma que mais se me abriram os olhos da alma depois da confissão e comunhão que não recebia já há 20 anos, e é ponto de fé para mim que são, pelo menos em parte, estas faltas a causa de tantas almas perdidas por aquele lamentável caminho.

Brites

Doença pulmonar

Humildemente rogo o obséquio de publicar na «Voz da Fátima» uma extraordinária graça que a Virgem Santíssima pela sua infinita bondade me concedeu. Adoencendo em maio de 1931 com dôres nos pulmões e fraqueza geral, chegou-se à conclusão que os dias da minha vida na terra seriam breves, pois tão fraca me encontrava que o menor movimento me cansava extraordinàriamente. Tinha as forças completamente perdidas; nem falar podia! por pouco que falasse e em voz baixa que fôsse era o suficiente para me deixar num grande estado de prostração. Recorri então, cheia de confiança, à boa Mãe e Senhora da Fátima que atende sempre tão carinhosamente as preces fervorosas e sinceras que lhe dirigem os seus filhos, por mais indignos que sejam, e comecei com a minha mãe uma novena, bebendo todos os dias um pouco de água da Fátima que uma Senhora muito boa fêz o favor de me dar. Sempre ao fim de cada dia da novena sentia ligeiras melhoras, até que ao fim dos nove dias comecei a aumentar de pêso e a febre desapareceu quási por completo readquirindo as fôrças. Em novembro os Ex.mos médicos que me tratavam, com admiração declararam que de facto a minha cura era completa.

Já lá vão alguns meses e sinto-me como se nada tivesse tido, de perfeita saude. Por isso muito singularmente venho reconhecidissima agradecer do coração a N. Senhora tão grande graça. Bendita seja mil vezes a Augusta Rainha do Céu Saude dos enfermos e nossa doce esperança.

Maria Teresa Neves Claro, de Beja

Quisto

Cheia de reconhecimento e gratidão à Virgem Santissima, venho

pedir para publicar na Voz da Fátima uma graça que N. Senhora me concedeu. Havia já 7 anos que sofria dôres horríveis no ventre. Por conselho de meu marido fui consultar o médico. Receitou-me alguns medicamentos, mas não obtive resultado, cada vez os sofrimentos eram maiores. Meu marido faleceu e eu com o desgosto não fiz mais tratamento durante 4 anos. Passados estes 4 anos por já não poder sofrer tanto fui consultar a médica Snr.ª D. Maria de Freitas Pimentel que disse ser um quisto nos óvarios que em breve se tornariam cancerosos não podendo já ser operada, tendo por isso o quisto de ser destruído a pontas de fogo.

Com a ajuda da Mãe Santíssima, agora, acho-me completamente boa, e venho agradecer a N. S. da Fátima a grande graça que me fêz e pedir a todos os leitores que me ajudem a agradecer também.

Flamengas

Maria da Luz Garcia

Abcesso

Peço publique no seu jornal esta graça: «Minha filha Isabel, de 4 anos de idade, foi há pouco acometida duma doença, que pelo seu médico assistente foi julgada incurável. Nasceu-lhe num dos cotovelos um abcesso de tão mau carater que lhe prendeu completamente o movimento do braço. Tratada pelo médico, chegou a cicatrizar, mas ficou o braço sempre sem movimento e ainda com a agravante de que êste estado se comunicou à perna do mesmo lado que também não podia mover-se. O médico aconselhou-me a que fôsse com a pequena aos raios, X mas quási sem esperança dela se curar. Na contingência de ver minha filha paralítica para sempre, ou de ter de a sujeitar a uma operação, talvez dispendiosa e de resultado duvidoso, recorri com muita fé à poderosa intercessão de N. S. da Fátima, e prometi-lhe, se ela a curasse, fazer em sua honra uma novena de terços, missas e comunhões, dar-lhe uma esmola em dinheiro e mandar publicar no seu jornal esta graça. N. Senhora ouviu-me, pois logo no dia seguinte minha filha já tinha movimento no braço e na perna. Levei-a ao médico que ao vê-la ficou tão surpreendido com tão rápida transformação, que declarou, depois de lhe constar o que se passou, que realmente só por milagre tal facto se podia ter dado.

E, como o prometido é devido, já fiz a novena referida, envio agora a esmola e peço a fineza de publicar esta graça, o que muito agradeço.

Ovar—Rosa Maria de Oliveira Lette

Quisto

Achando-me com um quisto cebaceo na cabeça, há 13 anos, fizera diversas novenas sem nunca obter a graça que pedia. Já estava conformada com a vontade de Deus quando de um momento para outro o quisto começou a crescer muito e a inflamar. Tive então de ir ao médico que declarou ser necessário uma operação. Não tendo coragem para deixar rasgar o meu corpo, pedi ao médico que me desse um remédio a ver se não era necessária a operação. Deu-me um remédio mas disse que nada valeria por que três quistos só se extirpam cortando e raspando para não voltarem. Apesar do desengano voltei com o remédio para casa, entretendo-me no caminho a ler a Voz da Fátima. Lendo lá tão grandes graças, recorri a N. S. com uma novena e prometendo um pequeno óbulo para ajudar as obras do Santuário. Durante algumas semanas fui orando e aplicando o remédio até que apareceu um pequeno orifício junto ao quisto, orifício que pouco tempo depois fechou por si mesmo. Voltei de novo ao médico que confirmou o que tinha dito;—era necessário a operação. Ainda agora não tive coragem e recomecei as novenas e o mesmo tratamento. Na terceira novena, com grande alegria de tôda a família, quando se estava fazendo o curativo o quisto saíu inteiro e sem eu sentir a menor dôr! O médico disse que era o primeiro caso que se dera com êle.

Tão grande graça deve ser atribuída à mãe de Deus. Hoje completamente curada, venho pedir a publicação para honra e glória da Virgem Santíssima e para animar os que sofrem. Aproveito também a ocasião para agradecer a saude que N. S. alcançou para uma netinha que tenho e que durante muito tempo surportou graves sofrimentos.

S. Paulo—Brasil

Nicolina Lopes da Silva

Tuberculose

Queixava-me há muito dos pulmões. Já não descansava de noite, tinha temperaturas elevadas, definuia de pêso e enfraquecia a olhos vistos. O médico que até ali me dava certas esperanças, agora desenganou-me dizendo que só por milagre poderia ser curado. Voltei-me então para o céu já que a terra nada me podia fazer, e agora sinto-me completamente bem. Como de tudo, trabalho todos os dias, descanço bem e até agora nada me tem feito mal. Nunca serei capaz de agradecer a N. Senhora da Fátima tão grande graça que me alcançou, pois que foi por meio dela que Jesus se dignou curar-me

Arneiro Merceana

Joaquim de Sousa

Graças diversas

—António Nunes Romualdo, de Ermida, agradece a N.ª Senhora o ter curado sua esposa antes de ser submetida a uma operação que os médicos lhe haviam imposto como indispensável. Poucos dias antes daquele em que a operação devia ser feita desapareceu o mal que a motivara.

—Amélia Lopes, do Rio Mau, agradece a N.ª S.ª uma graça espiritual que por ela recebeu de Nosso Senhor.

—Júlia Antunes Barrôso, de Torres Novas, agradece a N.ª Senhora o ter seu irmão recuperado a vista que quási havia perdido. O remédio, diz, foram orações e algodão embebido em água da Fátima.

—Maria Luísa Teixeira, de Pernambuco, Recife, agradece a N. Senhora diversas graças que dela alcançou para a sua terra em momentos de graves apreensões político-religiosas.

—S. Ramos Vermelho, de Cadaval, agradece muito a Nossa Senhora da Fátima a cura duma enfermidade que durante 15 anos teve na boca. Hoje, diz, encontra-se completamente curada, graça que atribue a N.ª Senhora da Fátima.

—Maria Dias Moreira, de Leça do Balio, agradece reconhecida a saude que sua mãe obteve por intercessão de Nossa Senhora da Fátima.

—Custódio dos Santos, de Senouras (Almeida) agradece a N.ª Senhora uma grande graça recebida e vem cumprir a promessa de publicar a graça e entregar uma esmola para o culto na Fátima.

—Arminda Eulália do Amaral, de S. Cruz das Flores, agradece diversas graças temporais concedidas a sua mãe e a uma sua visinha muito necessitada.

—Ana da Glória Silva, da Ribeirinha, Açores, agradece a N.ª Senhora a cura duma enfermidade que há tempos a molestava.

—Francisco Manuel Pacheco, de Beja, agradece a N.ª Senhora uma graça espiritual que considera a maior da sua vida.

—M.ª Moreira Freitas, de Campanhã, agradece muito reconhecida uma graça temporal.

—Maria Garcia, de Riba Mar, sofreu durante 10 anos ataques apoléticos. Desenganada pelos médicos foi a Fátima implorar a N. Senhora a sua cura. Levou água que bebeu em sua casa durante alguns dias, e então os ataques nunca mais voltaram.

AVISOS

I

A crise pecuniária chegou também à **Voz da Fátima.** Em diversos meses já a despesa tem sido superior à receita. Mais uma vez apelamos para a generosidade de seus leitores para que se possa conservar êste jornal que só vive das esmolas que lhe dão.

II

Mais uma vez se lembra a todos que seria roubar as esmolas de Nossa Senhora o levar para cada casa mais do que um jornal cada mês. Procedem, pois, mal as famílias que querem um para cada pessoa da sua casa quer saibam quer não saibam ler.

Graças de N.ª Senhora da Fátima no Brasil

1) Um jovem dos seus 18 anos foi acometido de um paratifo que por bastante tempo pareceu zombar da perícia dos médicos, inspirando por isso mesmo sérios receios à família. Começou por êsse tempo a ser conhecida na Baía a devoção a N.ª S.ª da Fátima, e uma sua irmã, piedosa Filha de Maria, obtem uma novena e um frasquinho da água milagrosa, e lá vai confiada dar com a família princípio à dita novena, dando conjuntamente umas gotinhas da água ao doente, que poucos dias após começou a manifestar sensíveis melhoras, diminuindo-lhe ràpidamente a febre e entrando pouco depois em franca convalescença, não tardando muito a ficar completamente bom.

* * *

2) O mesmo jovem, pouco tempo passado, vê-se a braços com uma pleuresia, que de si já inspirava cuidados, quanto mais vindo-lhe a pouca distância do paratifo, do qual, se bem que estava curado, era natural não obstante que lhe restasse ainda uma bem sensível fraqueza. E foi precisamente isto que fez mais recear. O tratamento mais simples que ocorria era o da punção, para extrair a água da pleura, teria, porém, êle, resistência para a suportar? Na anciedade da família e do próprio médico, lembrada do feliz êxito do anterior recurso a N.ª S.ª da Fátima, por inspiração da mesma irmã começam outra novena acompanhada do uso da água milagrosa, e de um dia para outro com grande surpresa e satisfação notam que sem punção nem qualquer outro remédio o líquido desapareceu e o doente passou a um estado absolutamente normal.

* * *

3) Na mesma família ainda, um sobrinho da mesma piedosa Senhora, de idade de 11 anos, havia tempo já que vinha sofrendo de uns ataques que o prostravam por terra entre convulsões que por vezes custavam muito a terminar fazendo sofrer, tanto ao doentinho, como à família, que não acertava, por mais diligências que para isso fizesse, com o remédio. Após os dois casos do jovem acima, é a criança acometida de um novo ataque, cujo remédio desta vez procuraram em N.ª S.ª da Fátima por meio de terceira novena e da água milagrosa, e com tão feliz êxito que, bebidas as primeiras gotas, voltou o doentinho a si, cessando-lhe por completo o ataque, e, o que é mais, de então para cá, há já bons 8 meses, não se lhe tornou a repetir.

* * *

4) Um caso indêntico a êste se deu numa outra família em que uma menina também de 11 para 12 anos era vítima de freqüentes ataques epiléticos que lhe davam quando menos se esperava, em casa, na rua, em qualquer parte, a ponto de nunca poder andar sem alguém que a acompanhasse.

Conhecedora a mãe dos prodígios que por tôda a parte vinha operando N.ª S. da Fátima, assentou consigo implorar dela a cura de sua filha, dando para isso princípio a uma novena conjuntamente com o uso da bemdita água. E tão feliz foi, que logo após a primeira vez que bebeu umas gotinhas da água milagrosa, ficou completamente livre dos mencionados ataques, em pleno uso de todos os seus movimentos, e assim me foi apresentada dias depois para se confessar e no dia seguinte comungar em acção de graças a N. S. por tão insigne benefício.

* * *

5) Um jovem do povo, casado não havia muito ainda, cai um dia no terreiro em frente de sua casa com um ataque que por todos os que acorreram foi tido como de mau carácter. Infelizmente não era católico, mas sim espírita, o que mais fazia recear com relação à sua alma. De uma casa visinha uma Senhora de distinção advertindo no sucedido, chama uma creada, corre ao oratório onde tinha uma estàtuasinha de N.ª Sr.ª de Fátima e, dando-lha, diz-lhe que vá com ela para onde está o doente e que lá junto dele vá resando o terço para que N.ª Sr.ª não o deixe morrer sem confissão. Oh! valiosa protecção de Maria! Quando todos o julgavam expirando, o doente volta a si e, dirigindo-se com intimativa a sua esposa que ali estava desfeita em pranto, «já chamaste o Padre, diz-lhe, manda pedir-lhe que venha já... já» Deu tempo a que o Padre viesse, recebeu tranquilamente os Sacramentos, e, como quem nada mais esperava, plàcidamente expirou.

(continúa)

Colégio Ant.º Vieira, Baía.

P.ᵉ João Miranda S. J.

Missões de N.ª S.ª da Fátima

Já nos foram entregues mais três esmolas para as *Missões de Nossa Senhora da Fátima*, esmolas que serão distribuídas em benefício de tão santas obras.

Uma delas veio da América do Norte, outra da Ilha da Madeira e uma outra de Ilhavo.

As três esmolas dão o total de Es. 36$50. Esperamos em N. Senhora que outras esmolas venham aumentar esta quantia, e «A Voz da Fátima», terá prazer de ser a distribuídora das esmolas da caridade já dos fiéis de Portugal, já dos lá de fora em benefício de obras muito do agrado de N.ª Senhora.

Peregrinação vicentina ao Santuário de N.ª Senhora da Fátima e assembleia de Vicentinos no mesmo Santuário

O Boletim Português da Sociedade de S. Vicente de Paulo, n.º 285 a páginas 68 e 69, diz o seguinte, que com a devida vénia e para conhecimento do maior número de Vicentinos, aqui transcrevemos os períodos seguintes:

—«Nos dias 7 e 8 de Maio próximo deve realizar-se mais uma Peregrinação Nacional de vicentinos e uma assembleia geral vicentina aos pés de Nossa Senhora, lá nêsse lugar bendito onde Ela se dignou aparecer aos pastorinhos, desde Maio a Outubro de 1917, e onde desde então até hoje tantas graças tem dispensado.

Os programas da peregrinação e assembleia geral vicentina serão publicados no nosso Boletim de Abril.

No mesmo Boletim deverão vir as indicações de comissões locais encarregadas de organizar a peregrinação nos vários pontos do país.

Digna-se presidir a esta Peregrinação, acompanhando-a, Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca.

Tudo leva a crer que esta iniciativa resultará brilhantíssima e levará aos pés de Nossa Senhora da Fátima a grande maioria dos vicentinos do país. Na mesma data deve realizar-se a V Assembleia Nacional.

O Presidente do Conselho Particular de Lisboa

José Augusto Paes Ferreira

Nota — a correspondência respeitante à Peregrinação deve ser dirigida ao Ex.mo Sr. Dr. Mário Neuparth—R. Nova de S. António, a S. Mamede, 61, 2.º Lisboa.»

Nossa Senhora, amparo dos operários

O nosso estimado colega, «Ecos do Sameiro» publicou no seu número de Março p. p., em artigo do fundo intitulado «Obras do Sameiro», a resolução caridosa que a confraria dêsse Santuário tomou sôbre si de dar desenvolvimento às obras a realizar ali, tendo em vista êstes dois fins bem dignos de nota e imitação — aumentar o culto a Nossa Senhora pelo aproveitamento dêste seu Santuário, e dar aos operários ocasião para que honradamente possam ganhar o necessário sustento para si e para os seus. Honra seja dada a esta confraria que assim diàriamente dá pão a uma centena de operários: Certamente aqueles cem operários ao regressarem a suas pobres choupanas cançados de seus trabalhos sentiram o doce prazer de com aquelas bágas de suor transformadas em moedas poderem matar a fome a uma esposa talvez enfraquecida pela falta de alimento e a um mais ou menos numeroso grupo de criancas a quem a fome tornou raquiticas e fêz perder o frescor juvenil.

A Nossa Senhora do Sameiro devem os operários êste benefício, porque **se não fossem as** graças que esta Mãe bondosa a'cança a seus devotos a sua confraria não teria com que pagar aos operários. É a gratidão dos devotos de Nossa Senhora que os leva a oferecerem-lhe os seus dinheiros em agradecimento dos favores dela recebidos e são êsses dinheiros que depois vão ser a justa recompensa dos suores dispendidos pelos operários nas obras do Santuário de Nossa Senhora do Sameiro.

* * *

Mas não só no Sameiro Nossa Senhora, é amparo dos operários; é-o também em muitas outras partes e sobretudo na Fátima. Pois se Nossa Senhora é a mesma e as necessidades dos operários geralmente são as mesmas, igual é também a caridade para com elas, caridade alimentada com as esmolas que à Virgem são oferecidas.

Mais de 150 operários trabalham diàriamente, regra geral no Santuário querido de Nossa Senhora da Fátima. Em cada semana é distribuida uma média de cinco a sete contos no pagamento das folhas dos diversos trabalhadores. E não se julgue que o dinheiro está amontoado; não está: por durante a semana receia-se não haver para pagamento no fim da mesma semana. Mas N. S. a divina Mãe da Caridade sobretudo para com os necessitados lá sabe os meios de a descobrir e é então que quando parece que as obras não poderiam continuar por falta de meios a Virgem traz a seus pés criaturas generosas que, a trôco de favores que do Céu receberam, oferecem de suas joias ou dinheiro—o necessário para que por falta de meios as obras não sejam interrompidas. Embora não fôsse por outros, só por êstes motivos a Fátima seria digna do carinho de todos.

Mas considerada no seu conjunto de espiritual e temporal a Fátima é actualmente um admirável centro de caridade em Portugal; Caridade de Jesus que todos os meses ali desce a centenas e por vezes milhares de corações que ou ali retemperam energias perdidas, ou se esmaltam com novos fulgores da virtude; Caridade de Nossa Senhora que ali atende as súplicas dos que sofrem fisica ou moralmente, levando ao céu os pedidos dos homens a quem depois os vem trazer transformados em graças, vindas do céu também; Caridade dos homens, que ao sentirem-se beneficiados pela Mãe de Deus dão largas à sua generosidade, e assim são levados a sacrificarem suas comodidades, seu descanço e seu dinheiro até, para se mostrarem agradecidos aos favores de Nossa Senhora.

Se a caridade é a unica virtude que há-de subsistir por tôda a eternidade no meio dos eleitos do Eterno Pai, bom é que todos os que desejamos ser no céu do número dessa multidão de escolhidos, que no dizer de S. João, na terra ninguém pode contar, bom é digo, que comecemos, não só no Sameiro e na Fátima mas em todo o Portugal, porque todo êle é Terra de S.ta Maria, bom é digo ainda que comecemos a exercer tão nobre virtude cujo cumprimento ou não cumprimento motivará no grande dia de juízo as sentenças de Deus a respeito de cada um de nós. — Afastai-vos de mim... porque não fostes caridosos. Vinde comigo... porque tivestes caridade.

Nota—Ainda há poucos dias o diário católico «Novidades» nos deu a notícia da inauguração de dois institutos de caridade em favor dos pobres. Foram êstes:

«a obra de Assistência médica aos pobres da freguesia de Santos-o-Velho» em Lisboa. Esta obra, iniciativo do Rev.mo Prior Mons. Fernandes Duarte, foi colocada sob a proteção de Nossa Senhora de Fátima e propõe-se fornecer gratuitamente assistência médica e respectivos medicamentos aos doentes pobres da freguesia. A inauguração assistiram além de outras individualidades de destaque cinco Ex.mos médicos e uma Ex.ma médica bem como Sua Em.cia o Senhor Cardial Patriarca que proferiu um discurso todo repassado da sua caridade paternal. Depois da inauguração dirigiram-se todos ao consultório onde sua Em.cia observou minuciosamente os vários objectos de uso clinico.

A outra obra de caridade foi «A cozinha económica» instituida na freguesia da Sé, no bairro mais pobre da cidade do Pôrto. Assistiu também à inauguração Sua Ex.ia Rev.ma o Snr. Bispo do Pôrto que na ocasião teve palavras de louvor e incitamento a esta obra de caridade em benefício dos pobres desempregados. Oxalá Nossa Senhora da Fátima cubra de bênçãos estas e outras obras semelhantes a estas que porventura noutras partes se venham a fundar.

É que, realmente como diz São Paulo, a caridade é **engenhosa.**

VOZ DA FATIMA

DESPEZA

Transporte	321.288$59
papel, comp. e imp. do n.º 114 (60.000 ex.)	3.710$00
Franquias, embalagens, transportes, etc.	1.270$40
Na administração — Leiria	229$50
total	326.498$49

Donativos desde 15$00

Irene Fernandes — Lisboa, 15$00; Maria Ramos — America, 15$00; Virgínia Teixeira — Chaves, 50$00; Maria Vitorina — Chaves, 20$00; Maria Ramalho — Aiamonte, 15$00; Luzia Fontes — América, 31$00; Maria Maldonado — Pôrto, 20$00; Maria de Vasconcelos — Pôrto, 20$00; Adelaide Daz — América, 31$00; Manuel de Oliveira — América, 30$80; Maria Rosa — América, 30$80; Maria Resende — América, 30$80; Maria Furtado — América, 30$80 Norberto Sá — América, 30$80; Frank Santos — América, 30$80; António Rocha — América, 30$80; Joaquim Martins — América, 156$80; Maria Macieira — Lisboa, 15$00; Igreja dos S. Reis — C. Grande, 60$00; P.ᵉ Tomás de Aquino — Carvalhos, 100$00; António Martins — Recarei, 25$00; Francisco Vicente — Viseu, 25$00; Heitor Brito — Pôrto, 15$00; Maria Gonzaga — Cabeçudos, 20$00; Maria Mesquita — Figueira da Foz, 20$00; P.ᵉ António Ceiça — Paião, 135$00; Maria da Glória — P. de Varzim, 15$00; Georgina Amaral — P. de Varzim, 20$00; P.ᵉ Aurélio Martins — P. de Varzim, 15$00; Igreja da Misericórdia — P. de Varzim, 210$30; Maria Engrácia — Lisboa, 20$00; Elvira Ramos — Açores, 22$50; João Ormonde — P. da Vitória, 25$00; Maria Romba — Mertola, 20$00; Francisco Braga — Açôres, 15$00; P.ᵉ Manuel de Medeiros — Angra, 20$00; Adelina Faria — Caldas da Raínha, 30$00; Elisa do Resgate — Belas, 15$00; Graciano Palhas — Cortegana, 20$00; P.ᵉ Manuel Cêpa — Capareiros, 55$00; Angelina Rosa — Évora, 20$00; Feliciana Caupers — Lisboa, 20$00; Hortense de Barros — Lisboa, 15$00; Maria da Graça — Negrelos, 20$00; Igreja da Vera Cruz — Candal, 30$00; Mário Jordão — América, 23 dolars; Josefina Fernandes — Bragança, 20$00; Maria Silveira — California, 1 dolar; Distrib. em Óbidos, 25$00; Maria Marques — Angola, 17$50; Angelina dos Santos — Sabugo, 15$00; Arminda da Fonseca — Pôrto, 20$00; Francisco Saramago — Africa, 10 scilings; Esmola de Lisboa, 20$00; Rosa Erdeira — Ovar, 51$30; P.ᵉ Braco Michele — Genova, 16$20; Julieta Morais — Pôrto, 15$00; João de Deus — Chaves, 20$00; Maria Eugénia — Estoril, 20$00; Jerónimo de Melo — Moçambique, 15$00; Maria de Samões — P. de Ferreira, 20$00; Henriqueta Adelaide — Tarouca, 20$00; Eulália de Sá — Cortegana, 30$00; Ilda de Sousa—Campolide, 35$00 P.ᵉ José de Avila — Açôres, 100$00; P.ᵉ José Alberto — Açôres, 30$00; Distrib. em Avanca, 75$00; Filomena Leoni — Belas, 20$00; Amélia Lourenço — Açôres, 15$00; Carmelita Ferreira — Madeira, 15$00; José da Luz — Cadima, 15$00; Distrib. em Vila N.ª de Fozcôa, 50$00; P.ᵉ Santos Alves — Cortes, 20$00; Tomás Pôrto — América, 60$00; Celestino Leite—C. de Basto, 20$00; Maria Gil—Canelas, 70$00; Maria Medeiros — América, 1 dolar; Agostinho Ribeiro — Guimarães, 20$00; Maria Trigueiros — Fundão, 15$00; Manuel de Nobrega — Madeira, 20$00; Beatriz Silva — Lourdes, 20$00; Distrib. em Cabeço de Vide, 25$00; Guilherme Porfírio — Açôres, 15$00; Maria Veríssimo — Turcifal, 20$00; Gertrudes Pinto — Estoril, 20$00; Artur Fernandes — L. Marques, 50$00; Maria Bastos — Barcelos; 20$00; Anónimo de Parada — Braga, 15$00; P.ᵉ Gerard Marie — França, 20 francos. Anónima 20$00; P.ᵉ Artur Gonçalves — 15$00; P.ᵉ José Pinto Pimentel—Douro, 20$00; Maria Guilhermina Sampaio 15$00.

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS EM FÁTIMA

O «Boletim Português da Sociedade de S. Vicente de Paulo» publicou no seu n.º 285, relativo ao mês de Março p. p., o relatório dos exercícios espirituais em Fátima dados nos três dias da Carnaval aos sócios masculinos das Conferências de S. Vicente de Paulo, e que é do teor seguinte:

— «Como fôra anunciado, realizaram-se em Fátima os exercícios espirituais no Santuário de Nossa Senhora, por ocasião do Carnaval, começando na tarde de 6 de Fevereiro e terminando na madrugada do dia 10.

Neles tomaram parte além de outras pessoas, confrades da Conferência de Nossa Senhora da Encarnação, de Nossa Senhora do Socorro, de S. Domingos, de S. Sebastião da Pedreira e da Obra da visita aos presos da Penitenciária, tôdas da cidade de Lisboa; das Conferências de Nossa Senhora da Encarnação de Leiria, de Santa Catarina da Serrra e de Cristo Rei, de Ceiça, todas da diocese de Leiria; da Conferência de Nuno Alvares, de Santarém, de Nossa Senhora do Pópulo, das Caldas da Raínha e do Pedrógam (concelho de Torres Novas), tôdas também do Patriarcado; da Conferência de Nuno Alvares de Elvas (arqui-Diocese de Évora) da Conferência de Nossa Senhora da Conceição da Marça (diocese de Portalegre) e da Conferência de São Nicolau da cidade do Porto.

Foi conferente o Rev. P.ᵉ Magalhães, S. J. Na primeira conferência na tarde do sábado de 6 de Fevereiro, o piedoso e douto conferente fez salientar o quanto de bem moral se obtem nos retiros, principalmente num retiro fechado. Na meditação e na conferência de cada manhã e de cada tarde dos três dias de Carnaval foram sucessivamente tratados os grandes assuntos dos retiros: as relações do homem para com Deus, seu princípio e seu fim; a enormidade do mal do pecado; a morte; os meios de readquirir a graça, a confissão; a necessidade de orar para se libertar de maus hábitos e adquirir as virtudes, etc.

Os exercitantes ficaram instalados nas dependências do Hospital do Santuário, em cuja capela se realizaram as conferências e tiveram lugar as meditações e onde, de manhã eram recitadas em comum as orações e era celebrado o Santo Sacrifício da Missa; de tarde era feita também uma leitura espiritual por um exercitante e as visitas ao SS. Sacramento, e à noite, o terço glorioso, e Bênção com o SS. Sacramento, antes do exame e oração da noite. O terço gozoso, de manhã, e o terço doloroso, de tarde após o jantar, eram recitados fora do Hospital, na Capelinha das Aparições.

Que saudosas recordações dessa vida em comum dos exercitantes, guardando recolhimento e silêncio mesmo nos momentos de «tempo livre» e no passeio pelo vasto recinto do Santuário, mas vivendo na mais perfeita comunhão de recíproco afecto como se todos fôssem irmãos! Que saudades desses felizes momentos, quando todos juntos, no Alpendre da Capelinha das Aparições se prostravam aos pés de Nossa Senhora, no mesmo local em que ela se dignou aparecer.

No último dia, ao fim da tarde, apareceu no Santuário o Venerando Prelado da diocese, o Ex.ᵐᵒ e Rev.ᵐᵒ Snr. D. José Alves Correia da Silva, o que foi motivo de todos os exercitantes acudirem a saüdá-lo. Passado algum tempo realizou-se, como no fim do retiro do ano anterior, uma reünião dos exercitantes presidida por Sua Excelência Reverendíssima. Foram recitadas as orações como se fôsse para o começo de uma sessão vicentina; foi feita também a leitura espiritual que recaiu sôbre uma folha solta mandada imprimir pelo Conselho Superior, como meio de propagação vicentina, e intitulada «História da fundação de uma conferência». A seguir tendo sido concedida a palavra ao presidente do Conselho Superior, êste agradeceu ao Venerando Prelado a subida honra de vir tomar parte no encerramento dos exercícios espirituais e de presidir à sessão; congratulou-se com os demais exercitantes pela graça concedida pela Divina providência de poderem ter feito um retiro; falou sôbre a necessidade de se celebrar no ano próximo, em 1933, o primeiro centenário da fundação da Sociedade de S. Vicente de Paulo, e anunciou para o próximo mês de Maio uma peregrinação nacional vicentina àquele Santuário, estando já organizada uma comissão em Lisboa para tratar dos trabalhos preparatórios.

Uma das melhores formas de solenisar o centenário da fundação da nossa querida Sociedade, disse o orador, será a de aumentar mais e mais o número das conferências. E por êsse modo corresponderíamos também à intensificação da vida de caridade tão necessária no momento presente, tão instantemente recomendado pelo Santo Padre na sua carta Pontifícia de 2 de Outubro de 1931, «*Nova impendent*».

Depois falaram vários exercitantes, anunciando um confrade de Lisboa que estava em via de formação mais uma conferência naquela cidade, a Conferência de Queluz. Outro exercitante de Mangualde, diocese de Viseu, comunicou à assembleia que se estava também preparando o aparecimento de uma conferência naquela vila de Mangualde.

Por vários exercitantes da diocese de Leiria foi feita a promessa de novas conferências rurais nas freguesias de Amor, Maceira, Pousos, Souto da Carpalhosa. O Presidente do Conselho Superior lembrou ainda que por ocasião da referida peregrinação vicentina a Fátima, em Maio, houvesse também uma reünião dos vicentinos para se tratar da celebração do centenário vicentino, o que mereceu plena aprovação.

Por lembrança do Venerando Prelado procedeu-se a uma colecta entre os assistentes em favor do cofre do Conselho Superior, que produziu 55$75.

A esta reünião seguiu-se a refeição da noite presidida pelo Venerando Prelado e em que tomaram parte os exercitantes. São de tôdas as idades e posições sociais: o velho magistrado aposentado e o estudante de capa e batina; oficiais do exército, advogados, engenheiros, proprietários e negociantes a par dos modestos agricultores e empregados. Durante esta refeição não houve já leitura como nas outras, nem foi já guardado o silêncio, antes houve mais animada conversação entre os convivas. Aqueles que faziam o retiro pela primeira vez revelaram a sua grande satisfação. Os outros principalmente os que haviam vindo ao retiro do ano passado recordavam-o evocando com saudade os nomes dos exercitantes que haviam faltado.

ENSINAI...

O sinal do cristão

O sinal do cristão é a Santa Cruz porque nela morreu Cristo Nosso Senhor.

* * *

Assim no-lo ensinaram os nossos pais porque lho haviam ensinado a êles; assim ensinamos nós e será ensinado sempre porque é a Igreja que assim ensina, ou o mesmo Jesus por ela pois só Ele é Mestre.

E contudo quanta ignorância sob êste ponto de vista, quanta falta de lógica quanta falta de caracter.

Ah! sim, é bem verdade que a grande crise é a crise de caracter em que hoje se está.

A cruz é o sinal do cristão, o seu distintivo externo, físico, material, pois que o verdadeiro sinal constitutivo da distinção entre o cristão e o gentio tem de estar muito acima dum simples sinal exterior.

E está.

* * *

Foi o Divino Mestre que um dia pronunciou aquelas benditas e tantas vezes tão esquecidas palavras: Todos hão-de conhecer que sois meus discipulos pelo facto de vos amardes uns aos outros.

É a caridade fraterna e recíproca, a caridade sobrenatural e sem excepções que nos há-de destinguir dos pagãos, que nos há-de tornar conhecidos no meio deste mundo perverso e odiento em que temos de viver.

Sem caridade — o amor do próximo por amor de Deus — é impossivel agradar a Deus.

Sem caridade não ha cristianismo.

Um cristão sem caridade é peior do que um pagão e gentio; porque êste, se não conhece a Cristo Nosso Senhor, como Lhe há-de seguir a doutrina?

Mas o cristão que, conhecendo-a a não segue, despreza-a.

Amemo-nos pois uns aos outros como manda o Senhor e como se amavam os primeiros cristãos a ponto de os gentios exclamarem admirados:

«Vêde como se amam!»

* * *

Mas não vos esqueçais nunca de que a cruz é o *sinal do cristão*.

Sinal exterior mas... sinal.

Sinal físico mas... verdadeiro e real.

Distintivo autêntico do cristão, porque foi a cruz o instrumento da nossa Redenção e o Troféu da vitória de Jesus sôbre o demónio êsse sinal pertence-nos como a seus discipulos e coherdeiros do reino dos céus.

A nós — a mais ninguém!

Se não sois cristão porque usais um sinal que vos não pertence?

Se as vossas obras são obras de pagãos porque quereis aparentar do que não sois?

Isso é hipocrisia e falta de caracter.

Ah! E ver agente senhoras despudoradamente decotadas, impudicamente desvestidas a ostentar sôbre as carnes núas a cruz de Cristo!...

Melhor fôra que trouxessem a imagem de Cristo sem cruz que de cruz e grande Lhe servem elas!

Que escárneo!

Não se recordam ou não sabem que para ser cristão não basta ter recebido o baptismo mas é preciso viver em Cristo, viver em união com Cristo cumprindo a Sua santa Lei?

* * *

Ao peito das crianças quem não tem visto uma pequenina cruz graciosa e elegante como um pequenino brinquedo?

Mero adorno? Não.

É o resto duma funda tradição que levava santos a gravarem-na a ferro ou a fogo sôbre o próprio peito para assim se consagrarem àquele Deus cuja memória recorda.

Como eu gosto de a ver assim pendente de um fio subtil na airosa formosura, duma tão grande simplicidade!

Mas como me enerva também quando a vejo supersticiosamente misturada com figas e meias luas e cinco saimões numa promiscuidade de aviltante!...

Não a uzeis assim nem permitais que assim a uzem os de vossa casa e família!

* * *

E nas casas e nas fazendas uzai da mesma simplicidade ilustrada respeitosa.

Não poluais, não mancheis a santidade da cruz de Cristo com a presença de simbolos e de coisas contrárias à fé ou vergonhosamente opostas à razão e à decência.

A cruz é o sinal do cristão!

* * *

Dantes, pelas nossas aldeias, nos largos, nos caminhos nas bifurcações, nas frentes das casas, a cada passo se via o sinal da nossa Redenção.

Ao encerrarem-se as missões levantava-a o povo fiel como padrão comemorativo dessa chuva de graça.

E como os fiéis respeitavam saüdando com amor essas cruzes benditas.

Pequenito, lembro-me ainda de, cada vez que lhe passava deante, me ir ajoelhar no sóco duma dessas venerandas cruzes levantada a dois passos da minha igreja e ali, com minha avó, rezar pelas almas.

Que de perfumada lembrança se evolam saüdosas dessas pedras negra, sombreada de carvall.os gigantes!

De iguais ou mais interessantes recordações são tesoiro outras cruzes, todas as cruzes dêste nosso querido Portugal.

Cruzes velhas de granito com o seu Senhor enegrecido pelo tempo semeadas pela terra cristã do Minho e das Beiras; cruzes, brancas como noivas, do coração de Portugal a iluminarem de esperança a alma do viandante: cruzes artisticas e garridas dos pelourinhos e catedrais; cruzes singelas de, cantaria, cruzes de bronze e de ferro de mármore e de pedra tosca: tôdas foram levantadas pela fé dos nossos maiores e são um sinal de que é cristã esta terra que pisamos.

* * *

Quantas delas baquearam à mão sacrílega que já Deus a esta hora castigou!

Erga-as de novo a nossa fé.

Fazei ressurgir, com amor, as cruzes de Portugal!

Uma alma pequenina

Obras publicadas sôbre Fátima com a aprovação de S. Ex.ᶜᵃ Rev.ᵐᵃ o Snr. Bispo de Leiria

Visconde de Montelo

As Grandes Maravilhas de Fátima — 1927.

Fátima o Paraíso na Terra — 1930.

A Pérola de Portugal — 1931.

Ofício Menor e Novena de Nossa Senhora da Fátima — 1930.

Manuel do Peregrino da Fátima — 3.ª edição — 1931.

Doutor Luís Fischer

Fátima a Lourdes Portuguesa (Tradução de 2.ª edição alemã), pelo Rev.ᵈᵒ Dr. Sebastião da Costa Brites — 1930.

Nota — Estas obras que se encontram à venda na *Administração da Voz da Fátima* — Leiria e que serão enviadas à cobrança a quem as pedir, são utilíssimas a tôda a gente e indispensáveis a quem quiser conhecer de algum modo os factos da Fátima.

Êste número foi visado pela comissão de censura

Liberdade do Domingo

A primeira e mais necessária de tôdas as liberdades populares é a liberdade do Domingo.

Homens há que não compreendem a necessidade que a alma e o corpo teem de descanso. São os que mandam trabalhar e não trabalham, os que em descanso recebem os lucros, os que não ensangüentam as mãos nas oficinas, nas duras asperezas da matéria, os que não curvam, durante seis dias, a fronte molhada em suor, e sôbre um terreno ingrato; compreendem-se as suas objecções contra a lei do repouso, as suas oposições à liberdade do Domingo.

Mas o operário sempre que se vê livre da violência material ou moral, sempre que o deixam entregue a si mesmo, reclama como direito seu e mui sagrado a guarda dêste dia que o torna livre verdadeiramente, esposo e pai, e filho de Deus. É o sentimento da dignidade humana que o requere, é a exigência da família, é a necessidade religiosa das almas, é o grito de tudo o que há de mais nobre e imperioso na nossa natureza.

Arautos da democracia, vós que lisongeais o povo desprezando-o ao mesmo tempo, acreditai que êle tem alma. Sim, a lei do Domingo, tão religiosamente democrática, é hoje por muitos desprezada... e em nome da liberdade!

Voltai um olhar aos paises de maior liberdade: todos observam o preceito Dominical. Demos o Domingo ao operário, demo-lo para o seu Deus, sua família e seu repouso.

De interêsse para as que buscam noivo

Havia muita animação numa sala de baile. Via-se retirado a um canto um jovem muito simpático, que parecia estar indiferente a tudo quanto ali se passava.

Uma menina desembaraçada e um pouco atrevida, que mal o conhecia, aproximou-se dele e disse-lhe:

—Então o Senhor não quere dançar?

—O baile não é digno do homem, disse o jovem.

—O senhor vem com chalaças?

—Não; um homem não deve chalacear nem dançar!

—E porquê?

—Porque Jesus Cristo que é o nosso modêlo nunca dançou nem chalaceou.

Esta resposta pôs meio envergonhada a menina, no entanto proseguiu.

—Se Jesus Cristo é o modêlo dos homens, quem é o das mulheres?

—A Virgem Maria, minha senhora.

Aqui a menina baixou os olhos, agradeceu ao jovem e retirou-se. Desde aquêle dia sempre se mirou no espelho do modêlo das mulheres.

Um ano depois os interlocutores estavam ligados pelos sagrados laços do matrimónio, sendo perfeito modêlo de esposos felizes.

Um exemplo

Nem sempre castiga Deus desde logo as injúrias que lhe são irrogadas: tem a eternidade tôda para isto. Às vezes porém o castigo é imediato, para manifestação do seu poder e para escarmento dos homens.

Há não muito tempo, ocorreu em Castelnuovo, perto de Lodi, na Itália, o seguinte facto, narrado pelo próprio vigário da localidade:

— O sino da igreja anunciava a benção do Santíssimo.

Na venda ao lado, os freguezes interromperam por um momento o seu jogo de cartas. Um deles, rapaz forte, de 28 anos, não gostou disto e começou a blasfemar e, repreeendido pelos companheiros, gritou:

«Eu digo o que quero contra o Sacramento, e êle que me mande um cancro à garganta, se é capaz».

A tão horrível blasfêmia, todos sentiram gelar-se-lhes o sangue.

Pouco tempo depois, o pároco é chamado com urgência para sacramentar um doente. E' o blasfemador, a quem um cancro fulminante fecha e roe a garganta e lhe faz correr um sangue escuro da boca e dos ouvidos. Êle vê e reconhece o castigo de Deus, e recebe os últimos Sacramentos com viva fé e arrependimento profundo. Munido pelos confortos da Religião, pede ainda ao pároco para dizer no seu enterro algumas palavras, publicar os sentimentos com que morreu e desfazer assim o escândalo que dera.